

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA E
FITOSSANITARISMO
RUA DOS FUNCIONÁRIOS, 1540
BAIRRO JUVÊ – 80035 – CURITIBA – PR.**

ANA LUCIA ALVES DE ASSIS

**O DESAFIO DA ORGANIZAÇÃO LOCAL - COMUNIDADES DE
AGRICULTORES FAMILIARES – CAMPO ALEGRE SC**

**CURITIBA
2007**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA E
FITOSSANITARISMO
RUA DOS FUNCIONÁRIOS, 1540
BAIRRO JUEVÊ – 80035 – CURITIBA – PR.**

ANA LUCIA ALVES DE ASSIS

**O DESAFIO DA ORGANIZAÇÃO LOCAL - COMUNIDADES DE
AGRICULTORES FAMILIARES – CAMPO ALEGRE SC**

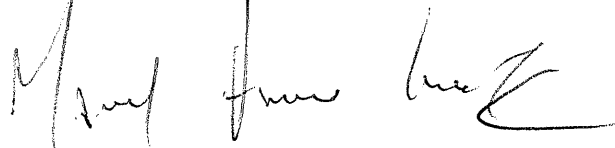
Monografia apresentada ao Curso de
Especialização em Educação do Campo e
Agricultura Familiar Camponesa. Orientador -
Prof^o Dr. Manoel Flores Lesama.

**CURITIBA
2007**

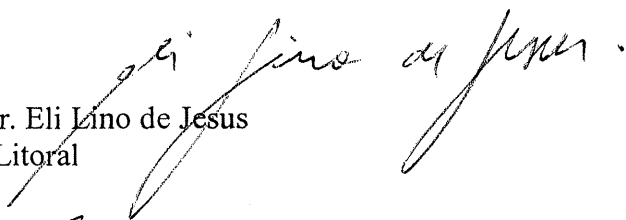
ANA LÚCIA ALVES DE ASSIS

**O DESAFIO DA ORGANIZAÇÃO LOCAL - COMUNIDADES DE
AGRICULTORES FAMILIARES – CAMPO ALEGRE SC**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do título de especialista do Curso de Especialização em Educação do Campo e Agricultura Familiar Camponesa, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:



Prof. Dr. Manoel Lesama
UFPR Litoral



Prof. Dr. Eli Lino de Jesus
UFPR Litoral



Prof. Luiz Rogério O. Silva
UFPR Litoral

Curitiba, 24 de janeiro de 2007

SUMÁRIO

RESUMO	7
1) INTRODUÇÃO	8
2) OBJETIVO GERAL	9
2.1) OBJETIVO ESPECÍFICO	9
3) REVISÃO DE LITERATURA	9
3.1) O PROJETO MICROBACIAS 2	9
3.1.2) PRINCIPAIS OBJETIVOS DO PROJETO MICROBACIAS 2	10
3.1.3) PRINCÍPIOS DO PROJETO MICROBACIAS	10
3.2.) PERFIL DO PÚBLICO ATENDIDO PELO MICROBACIAS 2	11
3.2.1) CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL	12
4) CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO	16
4.1) DADOS DO MUNICÍPIO	16
5) CARACTERIZAÇÃO DA MICROBACIAS TRABALHADAS	17
5.1) LUZ DO CAMPO	17
5.2) NASCENTE DO RIO NEGRO	18
5.3) ASSOCIAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DAS MICROBACIAS	19
5.3.1) ASSOCIAÇÕES DE MORADORES E ORGANIZAÇÃO	20
5.3.2) ORGANIZAÇÃO	21
5.3.3) REDES SOCIAIS	22
6) CAPITAL SOCIAL	25
7) MATERIAL E MÉTODOS	26
7.1) OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	26
7.2) ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS	27
8) RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
8.1) INTERFERENTES DIAGNOSTICADOS	28
8.2) CRITÉRIOS QUE DIFERENCIAM COMUNIDADES RURAIS	29
9) CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
10) BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	36
ANEXOS	38
ANEXO 1: FRAGMENTOS DO DIÁRIO DE CAMPO	38
ANEXO 2: FOTOS	41

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo Dom da Vida e pelas novas oportunidades que a cada dia nos concede cabendo a nós saber aproveitá-las.

Ao professor Dr. Valdo José Cavallet, Coordenador Geral do Curso de Especialização em Educação do Campo e Agricultura Familiar Camponesa das Regiões Sul e Sudeste pela atenção e dedicação realizada no início do curso, estimulando-nos a seguir em frente.

Ao professor Dr. Manoel Flores Lesama, UFPR – LITORAL, pela grande paciência, amizade, preciosa orientação que permitiu - me a elaboração deste trabalho e ainda pelo apoio pedagógico durante as etapas do curso.

Ao Co-orientador Eng^o Agrônomo Sidemar Nunes Presotto, DESER – PR, pela enorme disponibilidade em esclarecer as diferentes dúvidas, pelos textos de apoio, agradeço a contribuição na fase inicial deste trabalho.

Aos colegas que fiz e àqueles que tive a oportunidade de reencontrar. Sou grata pela rica troca de experiências das diferentes áreas objeto de estudo de cada estudante e pela ótima e divertida convivência.

Não poderia de deixar de agradecer aos agricultores e agricultoras, nossos objetos de estudo, por nos receber simpaticamente, deixando várias vezes suas atividades diárias de lado para conversarmos. Obrigada pelo convívio e valiosa atenção despendida.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, aos verdadeiros amigos e aos colegas de trabalho. Pela paciência, compreensão, incentivo, mesmo quando estive ausente para participar das horas de estudo chamadas de Etapas da Especialização ou mesmo quando recusei alguns convites interessantes em prol à execução e elaboração deste preocupante e dispendioso trabalho. Em especial, a duas pessoas amigas que me apoiaram, permitindo que caminhasse até aqui - Anna Junglubth e Lourival Fidelis.

A todos eles a minha humilde e singela homenagem.

EPÍGRAFE

Devia ter amado mais
Ter chorado mais
Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais
Até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer
Queria ter aceitado as pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...
Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos
Ter morrido de amor
Queria ter aceitado a vida como ela é
A cada um cabe alegrias e a tristeza que vier
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar distraído
O acaso vai me proteger
Enquanto eu andar...
Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr

Sérgio Britto/Titãs

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral: identificar os principais fatores que interferem na organização local das comunidades rurais como objetivo específico diferenciar comunidades com diferentes graus de organização. As comunidades estão situadas em duas Microbacias no município de Campo Alegre SC. Nas microbacias, o público atendido prioritariamente são agricultores familiares periféricos, beneficiários do Projeto Microbacias 2. A coleta de dados a campo ocorreram de junho a novembro de 2006. Foi elaborado um diário de campo conforme a realidade encontrada na região. Posteriormente com base nos relatos do diário de campo e em conversas semi-estruturadas levantou-se alguns fatores importantes chamados de interferentes da organização nas comunidades rurais e ainda possibilitou diferenciar as duas associações de Microbacias, objeto deste estudo. Além destes aspectos, a participação dos agricultores em assembleias e reuniões, as visitas informais realizadas foram instrumentos que contribuíram no diagnóstico e na diferenciação das associações de microbacias, conforme o grau de organização. As anotações são referentes às Associações de Desenvolvimento das Microbacias: Ribeirão do Meio e Rio Postema. A elaboração do presente trabalho está ainda baseada nos estudos sobre Capital Social abordado por ARRIAGADA, et all. 2004.

1) INTRODUÇÃO

Os processos de organização social no campo estão ligados ao enfrentamento de desafios. Estes desafios podem ser entendidos sob diversas formas: luta pela terra, crédito rural insuficiente ou não acessível, assistência técnica deficiente, necessidade de melhorias da infra-estrutura (estradas, eletrificação), descaso com a qualidade de vida os agricultores não possuem garantia dos serviços sociais básicos (educação e saúde). (BORCHARDT, 2002).

Alguns exemplos de organização social que existiram no Brasil foram as Colônias no sul do Brasil, constituídas em sua maioria por imigrantes europeus, as Ligas Camponesas no nordeste, em especial em Pernambuco e bem anterior os Quilombos e o movimento de Canudos, este especificamente no Sertão Baiano.

Todos estes processos de organização social rural serviram como referência para que formas de organizações mais atuais se constituíssem, tais como Associações Rurais, Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, Cooperativas Rurais e os movimentos de luta pela terra, dentre eles o MST(BORCHARDT,2002).

Uma das fraquezas dos pequenos agricultores é a falta ou a pouca organização. A falta de organização, distância aos centros urbanos e ausência de políticas públicas dificulta ainda mais a comercialização dos produtos da agricultura familiar. Com isso cada vez mais se perde a tradição de produzir alimentos para consumo próprio (milho, feijão, verduras e legumes).

Os agricultores muitas vezes se submetem abandonar a atividade rural, passam a exercer atividades fora do local onde vivem, passam a exercer atividades de assalariados rurais, diaristas. Com isso deixam de lado muitas das tradições familiares e da identidade local na produção de alimentos.

Dentro desta realidade encontram - se muitos agricultores familiares e trabalhadores rurais, moradores das Microbacias do Rio Postema e do Rio Ribeirão do Meio, município de Campo Alegre SC.

2) OBJETIVO GERAL

Identificar quais os principais fatores que interferem na organização local das comunidades rurais de agricultores familiares situadas em duas Microbacias.

2.1) OBJETIVO ESPECÍFICO

Levantar os critérios que diferenciam comunidades rurais com maior ou menor grau de organização situadas em um mesmo município.

3) REVISÃO DE LITERATURA

“O Desenvolvimento de Comunidade pode ser definido como o processo pelo quais os esforços do próprio povo se unem aos das autoridades governamentais, a fim de melhorar as condições econômicas, sociais e culturais das comunidades. Com a Integração das comunidades para capacitá-las a fim de contribuir plenamente para o progresso do país. Dois ingredientes básicos do Desenvolvimento de Comunidade são a participações do próprio povo nos esforços para melhorar seu nível de vida e apoio técnico governamental para tornar mais eficazes os programas de ajuda mútua.”

(AMMANN, 1992).

3.1) O PROJETO MICROBACIAS 2

Concepção geral do Projeto Microbacias 2, conforme PRAPEM, 2002:

O presente Projeto Microbacias 2 do Estado de Santa Catarina, procura ampliar, melhorar, aperfeiçoar o Projeto Microbacias 1 que finalizou suas ações em 1999. O Projeto Microbacias 2 iniciou suas atividades no ano de 2002 e tem duração prevista até 2008. Atinge 936 microbacias hidrográficas do Estado, o que representa mais de 50% das microbacias existentes. O Projeto procura atender prioritariamente os pequenos agricultores familiares com renda até dois salários mínimos por mês, empregados rurais e populações indígenas. As instituições participantes do Projeto são as seguintes: - Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural - SDR (Coordenação); - Secretaria de Estado do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente; - Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina – Epagri; - Instituto de

Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina - Icepta e Fundação do Meio Ambiente – Fatma. (Fonte:PRAPEM, 2002).

3.1.2) PRINCIPAIS OBJETIVOS DO PROJETO MICROBACIAS 2

Contribuir para aumentar a inserção dos agricultores familiares periféricos e em transição no processo de desenvolvimento, através da preservação, recuperação e conservação dos recursos naturais, do aumento da renda, da melhoria das condições de habitabilidade e de aumento da efetividade das ações, no Estado de Santa Catarina.

Preservar, recuperar e conservar os recursos naturais, visando diminuir as oscilações dos fluxos no curso d água; melhoria da qualidade da água e aumento da biodiversidade.

Aumentar a renda, através de criação de oportunidades de ocupação de mão-de-obra; aumento da apropriação do preço final dos produtos pelos pequenos agricultores e melhoria de sistemas de produção.

Melhorar condições de habitabilidade no meio rural, através de melhoria de habitações e melhoria de saneamento básico.

Aumentar a efetividade das ações através de preparo das pessoas para o enfoque da sustentabilidade e aumento e melhoria dos espaços de participação. (Fonte:PRAPEM, 2002).

3.1.3) PRINCÍPIOS DO PROJETO MICROBACIAS 2

O Projeto Microbacias 2 apresenta como princípios os seguintes aspectos:

- Estimular a participação interativa, interagindo via planos de ação e análise conjunta os quais podem dar origem as novas organizações ou reforçar as já existentes. Elas terão controle sobre as decisões locais será dada ênfase a processos interdisciplinares e a sistemas de aprendizado envolvendo múltiplas perspectivas.
- Alocar recursos, prioritariamente, às famílias rurais empobrecidas social e economicamente, estimulando as formas associativas.
- Aplicar recursos, prioritariamente através de “projetos” coletivos, identificados pela comunidade durante o processo de planejamento, com ênfase naqueles que estimule a geração de trabalho para as pessoas e

propiciar o desenvolvimento de produtos e/ou serviços diferenciados e estejam integrados em rede com outros empreendimentos.

- Garantir a participação paritária dos beneficiários das microbacias nos diversos níveis de gerenciamento do projeto.
- Estimular a co-responsabilidade das comunidades no planejamento, na implementação e monitoramento do projeto de desenvolvimento sustentável da microbacia, garantindo a participação e apoio dos diversos atores sociais nas ações que envolvam o gerenciamento pelas instituições da sociedade.
- Formular as atividades de capacitação a partir da aceitação de que o conhecimento é socialmente construído, não se trata de uma mera transferência de conhecimentos dos técnicos para agricultores e/ou dos agricultores para técnicos.
- Fazer com que as atividades contribuam para a superação dos vícios que impedem o dinamismo dos atores locais, principalmente a tendência ao imobilismo social e ao paternalismo.
- Propiciar o aparecimento e fortalecimento de novos atores sociais e lideranças locais.
- Estimular iniciativas que busquem integrar as ações das instituições que têm interesse no meio rural. (Fonte: PRAPEM, 2002).

3.2) PERFIL DO PÚBLICO ATENDIDO PELO MICROBACIAS 2 NO ESTADO DE SANTA CATARINA

O Projeto Microbacias 2 estima um número médio de 120 famílias por microbacia. Sendo este número de famílias para todas as microbacias atendidas no Estado. Distribuídas entre agricultores familiares periféricos (50 famílias), agricultores familiares em transição (33 famílias), famílias com predominância não agrícola (20 famílias), agricultores consolidados (13 famílias) e empresários rurais (4 famílias). Além dessas, existem os empregados rurais assalariados (20 famílias) e os volantes e favelados rurais (10 famílias). Adicionalmente existem alguns indígenas e cafuzos concentrados em alguns locais de microbacias no Estado.

São beneficiários preferenciais do Microbacias 2 os agricultores familiares periféricos, agricultores familiares em transição 1 (valor agregado/PO (Pessoa Ocupada) situam-se entre 1 e 2 salários mínimos/mês), trabalhadores rurais volantes, bem como as comunidades indígenas. Proporcionalmente, os maiores benefícios serão canalizados para os mais pobres. Todas as categorias presentes nas microbacias serão envolvidas nas propostas de trabalho do projeto, embora possam eventualmente não se beneficiar dele. (Fonte: PRAPEM, 2002).

3.2.1) CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL ATENDIDA PELO MICROBACIAS 2 EM SANTA CATARINA E NO MUNICÍPIO DE CAMPO ALEGRE

As informações são referentes às famílias visitadas e/ou as que participaram das reuniões promovidas pelas Associações de Desenvolvimento de Microbacias no período de junho a dezembro de 2006.

As porcentagens são referentes ao número de famílias visitadas no período. Aproximadamente cinquenta famílias em cada associação de microbacia.

Tomando-se por base a combinação das informações existentes em diversos trabalhos, temos as seguintes definições de categorias da população rural (Fonte: PRAPEM, 2002):

Empresário Rural

Em termos médios, ocupa as maiores áreas dos respectivos sistemas de produção. As propriedades têm alto uso de capital, são intensamente mecanizadas e utilizam grande quantidade de insumos externos. Todas as atividades são voltadas para o mercado e o auto consumo é inferior a 20% do VBP (Valor Bruto da Produção). A mão-de-obra contratada é mais que 50% da utilizada.

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio: Não identificado.

Microbacia do Rio Postema: 1 empresária rural, Ovinocultura, porém não atendida pelo projeto microbacias. Serrarias. (2%)

Agricultor Familiar Consolidado

Tem média de Valor Agregado (VA) por pessoa ocupada (PO) na propriedade igual ou maior que três salários mínimos por mês. Consegue produtividades superiores às médias regionais. Os sistemas de produção mais comuns são os que exploram as criações intensivas (aves e suínos), culturas para alimentação dos animais e para as agroindústrias (fumo, soja). Mais de 50% da mão-de-obra utilizada é de origem familiar. No mínimo 70% do VBP (Valor Bruto da Produção) é objeto de venda.

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio: Alguns membros participantes da associação. (Aproximadamente 12%).

Microbacia do Rio Postema: Aproximadamente 6% do público atendido.

Agricultor Familiar em Transição

É o produtor rural que geralmente tem pequenas áreas e obtém produtividades próximas das médias regionais. O valor agregado por pessoa ocupada situa-se entre 1 e 3 salários mínimos/mês. A mão-de-obra utilizada é, em sua maior parte, da própria família. Tem baixo uso de capital e o uso de tração animal é predominante. A conjugação de produtividades próximas das médias, com pequena escala e venda de produção sem beneficiamento, conduz à baixa renda por pessoa ocupada. Eventualmente, efetuam venda de trabalho para outros estabelecimentos agrícolas.

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio: Boa parte dos agricultores. Aproximadamente 50%.

Microbacia do Rio Postema: Aproximadamente 25% dos agricultores.

Agricultor Familiar Periférico

Obtém produtividades inferiores às médias regionais e as propriedades normalmente abrangem pequenas áreas. A maior parte do VBP é destinado ao consumo familiar. O valor agregado/PO situa-se abaixo de 1 salário mínimo/mês. A quase totalidade da mão-de-obra demandada é proveniente da própria família. Não executa atividades de agregação de valor a produção primária. Utiliza pouco capital e a tração é quase exclusivamente animal. Ocasionalmente, vende a mão-de-obra excedente, geralmente a outras propriedades de agricultores consolidados ou a empresas rurais.

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio:20%

Microbacia do Rio Postema: 35 %

Famílias Com Predominância de Renda Não-Agrícola

Geralmente possuem pequenas propriedades, nas quais a renda proveniente de atividades não-agrícolas é superior ao VBP. Enquandram-se nesta categoria os aposentados, bem como os agricultores que executam a agricultura de tempo parcial (part-time) e os donos de sítios de lazer, quando a renda extra-propriedade é maior que o VBP. De qualquer maneira, o VA/pessoa ocupada oriundo da produção agrícola é menor que 1 salário mínimo/mês.

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio: Aproximadamente 8%.

Microbacia do Rio Postema: Aproximadamente 10%

Empregados Rurais (Assalariados)

São os assalariados rurais que geralmente não dispõem de área agrícola e desempenham seu trabalho de forma permanente em propriedades ou empresas agrícolas.

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio: Aproximadamente 7%

Microbacia do Rio Postema: Aproximadamente 12%;

Volantes e Favelados Rurais

São categorias de população rural que não dispõem de propriedade agrícola, provendo seu sustento através da prestação de serviços temporários na atividade agrícola. Localizam-se tanto nas periferias urbanas como no meio rural.

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio: 3%

Microbacia do Rio Postema: 10%

Indígenas

Vivem em aldeias, acampamentos de beira de estrada ou em casas “desaldeadas”. Praticam agricultura de subsistência, tendo pouca interação com o mercado. Esta categoria necessita ser tratada diferenciadamente das

demais, tendo em vista as características peculiares relativas à organização social, costumes, línguas, crenças e tradições.

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio: Ausente.

Microbacia do Rio Postema: Ausente.

Cafuzos

Segundo Pedro Martins em “Anjos de Cara Suja” (1995), “A comunidade cafuza é um grupo étnico formado por aproximadamente 300 pessoas que ocuparam, até 1992, parte das terras da Área Indígena Ibirama, pertencentes ao grupo Xokleng.” A sede da comunidade, o cafuzeiro, localizado até então no Vale do Rio Platê, foi até recentemente local de residência de todos os cafuzos. A partir de 1974, com a implantação da Barragem Norte, e a conseqüente desapropriação de parte das terras indígenas, a comunidade viu-se desalojada da maior parte das terras que ocupavam o que levou metade dos seus membros a migrarem do Platê.

“... Os antepassados dos cafuzos desceram a Serra Geral em busca de refúgio ao término da Guerra do Contestado (1912-1916) – onde haviam sido derrotados na condição de rebeldes – e durante muitos anos ocuparam terras devolutas na Serra do Mirados, a meio caminho entre o Planalto e o Vale do Itajaí, até que em 1947 o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) os removeu para o interior da área indígena.”

Em 1993, o Incra adquiriu uma propriedade (1.014 hectares) em Rio Laeisz, município de José Boiteux, e criou o Projeto de Assentamento Comunidade Cafuza. (Fonte: PRAPEM, 2002).

Microbacia do Rio Ribeirão do Meio: Ausente

Microbacia do Rio Postema: Há indícios conforme comentários de alguns moradores que há mais ou menos quatro anos atrás existiam alguns descendentes bugres.

4) CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO E DAS MICROBACIAS TRABALHADAS PARA ELABORAÇÃO DA PESQUISA:

4.1) DADOS DO MUNICÍPIO

O município de Campo Alegre situado no Nordeste do Estado de Santa Catarina faz divisa com o Estado do Paraná e limite com os municípios catarinense de Garuva, Joinvile, Jaraguá do Sul e São Bento do Sul. Situado no Planalto Norte Catarinense, esta distante a 247 km da capital catarinense, 108 km de Curitiba, está a 58 km de Joinvile a maior cidade do Estado e apenas 15 km de sua vizinha, São Bento do Sul.

De acordo com o IBGE o município de Campo Alegre esta na latitude 26°11'32"S e longitude 49°15'56" W, com uma área total de 506 Km² e altitude de 871 m. Sua população estimada em 2004 era de 12.434 habitantes. As colonizações presentes são as seguintes: Espanhola, Alemã, Polonesa e Portuguesa.

Fundado em 18 de março de 1897. As principais atividades econômicas são as seguintes: Agricultura, pecuária, extrativismo, reflorestamento e indústria moveleira.

Entre 1890 e 1930, Campo Alegre viu crescer sua economia através do plantio de erva-mate. A produção e o comércio de erva - mate resultou na instalação de cinco engenhos de processamento de folhas, e 12 casas comerciais. Até hoje a economia do município é baseada na área rural, onde vivem cerca de 60% da população.

Em relação ao ensino e pessoas não alfabetizadas, existem 513 residentes, sendo estes com 10 anos ou mais de idade e que não possuem instrução ou possuem 1 ano ou menos de estudo. (IBGE, 2004).

Campo Alegre apresenta um número total de 2.701 domicílios, destes 1.612 na área urbana e 1.054 no meio rural, com a característica de não existirem aglomerados rurais.

Constata-se a presença de 311 empresas registradas, destas 10 são indústrias agropecuárias, 7 indústrias extrativistas, 80 indústrias de transformação, 2 de Energia, Gás e Água, 2 de Construção, 88 Comércios e similares, 54 de Alojamento e Alimentação, 25 de Transporte Armazenagem e Comunicação, 2 Empresas Financiadoras, 13 Imobiliárias e Serviços, 3 de

Administração e Segurança Pública, 1 de Educação, 2 de Saúde e Serviços Sociais e 22 de outras procedências.

Existem 973 estabelecimentos agropecuários, a área total dos estabelecimentos é de 34.454 hectares, destes, a ocupação com lavouras chega a 4.950 ha. a ocupação com pastagens é de 8.885 ha e a ocupação com matas chega a 16.615 ha.

Em relação à agropecuária o número de Bovinos, constata-se a presença de 11.411 cabeças, 5.227 Suínos e de 98.897 Galináceos.

Depois de décadas como carro-chefe da economia local, a erva-mate é cultivada hoje por apenas 80 agricultores, com uma produção de 3 mil toneladas anuais. A maior cultura é a de milho, com quase 8 mil toneladas produzidas por ano. Campo Alegre detém também o título de campeã catarinense de batata-salsa.

A maioria das 73 indústrias se dedica à fabricação de móveis, gerando grande número de empregos. Outra atividade em crescimento do município é a extração de caulim, que já chega a 15 mil toneladas mensais. O minério, embora isento de cobrança de ICMS, é responsável pela geração de dezenas de empregos. A matéria-prima abastece fábricas de azulejos e louças de Santa Catarina e Paraná.

O setor industrial conta também com 30 serrarias. Em Campo Alegre, existem mais de 4 mil hectares reflorestados com pinus. (Fonte – Prefeitura Municipal de Campo Alegre).

5) CARACTERIZAÇÃO DAS MICROBACIAS TRABALHADAS

5.1) LUZ DO CAMPO – RIBEIRÃO DO MEIO

Comunidades: Ribeirão do Meio, Mato Bonito, Cãozinho, Ximbuva e Onça Parda.

Área: 5.399,8 ha.

Relevo: predominantemente acidentado, com algumas áreas de relevo plano e ondulado. Solos predominantes: cambissolo e latossolo, com fertilidade natural variada.

Clima: Mesotérmico Úmido (cfb), com temperatura média anual de 19°C e uma precipitação média anual de 1.198mm e umidade relativa do ar em torno de 80%.

Número de famílias: 150.

Distância da Sede do município: 35 km

Nome do Rio Principal e seus afluentes: Ribeirão do Meio.

Principais cultivos: Fumo, milho, feijão, erva-mate e batata-salsa.

Principais criações: Apicultura, bovinocultura de leite e corte e ovinos.

A área da microbacia pode ser visualizada no mapa a seguir:



Mapa 1: Microbacia Luz do Campo - Fonte: PDMH – Epagri Campo Alegre 2005.

5.2) NASCENTE DO RIO NEGRO – RIO POSTEMA

Comunidades: Rodeio de Santa Cruz, Rodeio Grande, Santana, Cubatão e Ribeirão das Pedras.

Área: 9.444,4 ha.

Número de famílias: 168

Relevo: predominantemente acidentado, com algumas áreas de relevo plano e ondulado. Solos predominantes: cambissolo e latossolo com fertilidade variada.

Clima: Mesotérmico Úmido (cfb), com temperatura média anual de 19° c e uma precipitação média anual de 1.198 mm e umidade relativa do ar em torno de 80%.

Distância da Sede do município: 40 km

Nome do Rio Principal: Rio Postema

Principais cultivos: Fumo, milho, feijão, pinus, eucaliptos.

Principais criações: Bovinocultura de leite e ovinocultura.

A área da microbacia pode ser visualizada no mapa a seguir:



Mapa 2: Microbacia Nascente do Rio Negro - Fonte: PDMH – Epagri Campo Alegre, 2005.

5.3) ASSOCIAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO DAS MICROBACIAS

As associações de desenvolvimento das microbacias são associações formais. Possuem registros (cnpj, conta bancária), diretoria com membros (presidente, vice-presidente, conselho fiscal, secretária, tesoureiro e ainda

suplentes para cada cargo). Estas associações são chamadas de ADM's, e foram fundadas em todo o Estado de Santa Catarina, nas microbacias que vem sendo trabalhadas. Esta estrutura é adotada para as microbacias captar os recursos disponíveis pelo Projeto Microbacias 2.

Os extensionistas de microbacias que prestam serviços de assistência técnica são selecionados pelas ADM's. Os membros da diretoria ainda assumem o papel de administrar os recursos que são mensalmente destinados às Microbacias mediante pagamento do técnico e prestação de contas de despesas da associação em escritório contábil. Esse método de trabalho permite aos agricultores participar do processo de gestão do projeto microbacias 2 e ainda que aprendam com auto gerir as associações de microbacias.

5.3.1) ASSOCIAÇÕES DE MORADORES E ORGANIZAÇÃO NO ESPAÇO URBANO

3.3.4 ASSOCIAÇÕES

Tomando por base um estudo realizado por FONTES, (1997), pretende-se compreender melhor como as associações se desenvolvem e atuam, mas as associações tratadas pelo autor são referentes ao meio urbano. Com base neste artigo pretende-se relacioná-lo em alguns aspectos com as associações existentes também no espaço rural.

Segundo FONTES, (1997), podemos salientar que o sucesso da associação de moradores depende da satisfação da comunidade no que diz respeito às ações empreendidas. Quer dizer, que a capacidade de uma associação em consolidar-se enquanto representante de uma comunidade está em relação direta com sua capacidade de mobilizar recursos. Importa observar que as associações empreendem entre si verdadeiras batalhas na busca de reconhecimento em sua comunidade. Existem várias associações disputando em um mesmo território o reconhecimento político, as com a maior possibilidade de êxito são aquelas que conseguem estruturar mais adequadamente seus contatos com a estrutura de poder local.

O preço de não reconhecimento significa o desligamento da liderança, o abandono de sua comunidade e conseqüentemente o enfraquecimento de seu

poder de barganha com as instituições com que estabelece relações. Há deste modo uma complexa relação entre a comunidade, às associações de moradores e suas lideranças, estrutura essa que, se bem compreendida, deve ser associada à macro - estrutura do poder local. Para o entendimento do funcionamento de uma comunidade é necessário identificar os líderes locais e também quais as entidades que atuam nesta comunidade. Desta maneira pretende-se que as ações realizadas em prol dos moradores sejam efetivas e respeitem os costumes das famílias da região.

5.3.2) ORGANIZAÇÃO

A existência de uma associação de moradores, não significa que esta comunidade esteja organizada. Nos estudos sobre os movimentos reivindicativos urbanos, são ignoradas as associações ditas “pelegas”, aquelas formadas a partir de políticas clientelísticas ou incentivadas por agências governamentais (geralmente, via cooptação de lideranças locais). Tais associações, ditas “contra – movimentos” são simplesmente ignoradas.

A existência de alguns programas governamentais, que pressuponha a organização em associações (programa do leite, instalado pelo Presidente da República José Sarney, por exemplo), ou programas de participação popular na gestão urbana também são fatores que incentivam a organização de comunidades urbanas em associações igualmente, neste caso, estas associações formadas não são reflexos de uma “consciência comunitária”.

A análise dos movimentos de bairro enquanto sistemas de redes podem ser úteis para o esclarecimento da relação entre as associações e as comunidades que representam.

Argumenta-se que as populações de baixa renda dada às condições desfavoráveis de inserção no sistema de intercâmbio de mercado, organizam – se com maior intensidade que outros setores menores marginalizados.

Segundo LOMITZ (1994), citado por FONTES (1997), o sistema de reciprocidade apresentaria as seguintes características:

A) Confiança, ou seja, uma medida de distância social definida etnograficamente;

B) Igualdade de carência, ou falta de recursos;

C) Proximidade de residência;

Uma consequência característica da relação de reciprocidade é a elaboração de um código moral diferente (e às vezes oposto) ao código moral de intercâmbio de mercado. Em uma relação de reciprocidade existe uma ênfase moral explícita no ato de dar ou de devolver o favor recebido, antes de extrair o máximo benefício imediato de uma transação.

Os movimentos reivindicativos urbanos normalmente estão associados a sistemas de organização políticos com base territorial definida e cuja ação estaria dirigida predominantemente na reivindicação junto ao Estado por melhorias urbanas. Os processos de mobilização, a capacidade de os moradores em se articularem para a luta política na arena do poder local, evidentemente, dependem de várias questões, que explicam, por exemplo, que nem as comunidades mais carentes são as mais organizadas. Mas, com certeza, o fator desencadeador da mobilização comunitária se dá em torno da defesa de interesses territorialmente definidos, na defesa do habitat. Deste modo, segundo um líder comunitário, "é através dos movimentos populares que as pessoas vão se conscientizar, vão começar a valorizar o solo que elas ocupam". (FONTES, 1997).

5.3.3) REDES SOCIAIS

No estudo de FONTES, (1997) pode - se compreender como se dão as redes de sociabilidade entre os moradores no seu cotidiano e ainda quais os processos de solidariedade que emergem destas redes. A abordagem do artigo é de grande importância para o presente trabalho. Os elementos referem-se às Associações de Moradores.

A expressão rede social é utilizada pela antropologia social enquanto instrumento de análise que permite a reconstrução dos processos interativos

dos indivíduos e suas afiliações a grupos. Deste modo, a (noção de rede social permite) a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias. As conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a um grupo fazem parte da rede social total tanto quanto aquelas que vinculam pessoas de grupos diferentes.(FONTES, 1997).

Os processos estruturadores das redes sociais têm por origem as interações sociais estabelecidas quotidianamente pelos indivíduos.

Embora possamos conceber um mesmo conceito e uma mesma classificação das redes para todos os setores da sociedade, os desenhos das representações sociais destes indivíduos que interagem nestas redes se particularizam em função das especificidades de seus mundos de vida, construídos a partir da complexa diversidade social nas sociedades contemporâneas.

O mundo de vida pode ser definido da seguinte maneira:

“O plano do mundo da vida corresponde a um reservatório de tradições e conteúdos do qual se nutrem os membros de um grupo social nas suas vidas diárias. Ao mesmo tempo, o mundo da vida compreende os processos sócios – interativos correspondentes, no plano individual, ao processo de formação da personalidade. A reprodução do mundo de vida nestes dois sentidos, quais sejam, o da preservação do repertório dos significados comuns e o da geração de interações subjetivas envolvem os processos comunicativos de transmissão cultural, integração social e socialização. E tal reprodução requer instituições cuja tarefa é a preservação de tradições, solidariedade e identidades.”

O quotidiano dos indivíduos, as suas representações sobre a “vida” (sociedade e natureza) e a forma como as constroem se orientam a partir dos desenhos de seus mundos da vida.

Existem instrumentos mediadores entre as esferas do mundo de vida e aquelas diretamente ligadas à esfera pública. (Instituições de caráter essencialmente político). São as instituições a que se liga o indivíduo na sua vida quotidiana (Igrejas, clubes recreativos, espaços de lazer, etc.) que tem

importantes funções na potencialização dos espaços de intercâmbio entre os moradores e o movimento associativo. É bastante comum a existência de estreitas relações entre a Associação de moradores e instituições atuantes no bairro – Igrejas, clubes de futebol, instituições recreativas diversas, etc. muitas delas organizadas diretamente pelas Associações. Estas instituições são elos importante entre as redes sociais construídas na esfera da vida privada dos moradores e o movimento associativo.

Independentemente dos ambientes sociais onde as redes se estruturam, seria impossível encontrar um padrão organizativo único. Podem apresentar uma lógica aparentemente semelhante. Os campos sociais definidores das redes sociais imaginam que determinados tipos de redes teriam mais probabilidade de se desenvolver em um ambiente social que outro diverso.

A utilização do conceito “rede social” para a análise dos movimentos urbanos nos parece bastante proveitosa na medida em que nos permite, de um lado, visualizar o fenômeno movimento de bairro enquanto um processo complexo envolvendo um número bastante significativo de atores que, em muitos casos são analisados separadamente. A ação política desencadeada pelo movimento de moradores é resultante de processos articulados onde inúmeros atores da sociedade civil se fazem presentes e que compõem o quadro da estratégia de ação coletiva dos movimentos, estruturada a partir de três elementos fundamentais:

A) forma de mobilização dos recursos (que tipo de elos se estabelece entre atores sociais mobilizados e recrutados);

B) A estratégia de organização social (qual forma de institucionalização das redes);

C) O efeito multiplicador das redes (o poder de irradiação do ideal de democratização);

As redes se estruturam a partir da complexa realidade social. O indivíduo; o meio ambiente físico, incluindo todos os fatores naturais, geográficos, climáticos, os fatores humanos que limitam ou facilitam o comportamento e os recursos naturais. O meio ambiente pessoal, incluindo

indivíduos que são centros de referência para o comportamento: família, amigos, autoridades, grupos de amigos, etc. O meio ambiente supra - pessoal, o qual inclui características do meio ambiente originadas pelas condições pessoais dos habitantes por razões de idade, classe social, etnia, estilo de vida e outras características específicas. O meio ambiente social relativo às normas sociais e às instituições. (FONTES, 1997).

6) CAPITAL SOCIAL Segundo (ARRIAGADA, ET ALL, 2004):

O capital social pode ser entendido de maneira genérica como um recurso inatingível, que permite às pessoas e grupos a obtenção de benefícios por meio de relações sociais dotadas de confiança, reciprocidade e cooperação.

Considerado com ferramenta analítica útil para compreender o papel das relações sociais de confiança, reciprocidade e cooperação na sustentabilidade de iniciativas comunitárias e de diversas estratégias de vida para diminuir os efeitos da pobreza local.

O capital social é abrangente pois existem aspectos que necessitam ser considerados quando se pensa em capital social em determinado local. Exemplos:

- Capital Humano: Características próprias que uma pessoa possui. (conhecimento, saúde, tempo, oportunidade);
- Capital Social: Relações que uma pessoa faz com as outras de forma correlacionada. (Participação em organizações, facilitar o acesso a recursos para a comunidade, etc);
- Capital Produtivo: Ativos físicos e financeiros;
- Capital Natural: Qualidade e quantidade de recurso naturais a que se tem acesso;
- Capital Cultural: Recursos e símbolos que se tem como resultado da cultura a qual se é parte.

Diretamente relacionado com aspectos do Capital Humano, Capital Social, Capital Produtivo, Capital Natural e Capital Cultural, o Capital Social supõe relações formais ou informais que possuem certa freqüência e

regularidade, Se consolidam os laços de confiança e apóiam a cooperação e a solução conjunta dos problemas.

Com isso os participantes derivam benefícios individuais ou grupais e podem atrair outras pessoas para que se envolvam nos trabalhos coletivos existentes nas comunidades. O capital social não existe sem associatividade, entendida esta como a capacidade de ação entre pessoas que não são da mesma família, mas que atuam de forma cooperativa. A associatividade se forma por diferentes motivos: sobrevivência, espiritualidade, acesso a bens e serviços, geração de capital humano, entre outros. Constitui-se de relações sociais que proporcionam contatos, confiança, aumento de recursos financeiros e controle sobre estes.

7) MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho está situado dentro da dinâmica das comunidades rurais situadas dentro de duas microbacias hidrográficas pertencentes a nascente do Rio Negro no município de Campo alegre - SC. As Microbacias do Rio Postema e do Rio Ribeirão do Meio. Os agricultores que participam deste trabalho participam das associações, chamadas de Associação de Desenvolvimento da Microbacia. (ADM).

Esta possibilidade surgiu pelo fato de que as comunidades atendidas possuem grande número de agricultores familiares periféricos. Estes agricultores familiares são classificados como periféricos pois apresentam restrito acesso à saúde, informações, lazer entre outros problemas sociais.

7.1) OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A identificação da problemática e do objetivo foi possível a partir da observação participante utilizando um simples diário de campo que proporcionou recolher todas as observações de campo, seja das práticas, (visitas técnicas do trabalho como extensionista), observação dos comportamentos (durante as visitas e reuniões nas microbacias), das atitudes, (das lideranças e das entidades locais), dos eventos (reuniões e assembléias) e processos. Esse procedimento utilizou entorno de 120 horas entre idas e vindas às Microbacias dos Rios Postema e Ribeirão do Meio, (aos agricultores

beneficiários do projeto microbacias 2), perfazendo o conjunto aproximado de 50 agricultores visitados durante o período de junho a novembro.

Com base no diário, nas conversas e depoimentos dos membros das associações de desenvolvimento das microbacias, permitiu identificar prioridades e ainda o impacto das soluções colocadas em prática com as ações do projeto microbacias, finalmente permitiu ainda desenvolver alguns critérios visando formular a hipótese para contribuir no entendimento da dificuldade de organização existentes nas comunidades rurais de agricultores familiares do município.

7.2) ENTREVISTAS SEMI- ESTRUTURADAS

A entrevista semi-estruturada foi o método utilizado, pois postula a escolha de algumas questões. Resulta útil para explorar questões chaves onde novas questões ou pistas de questões emergem à medida que a entrevista se desenvolve.

A entrevista foi feita da forma mais informal e cordial possível. A maneira como as perguntas foram formuladas esteve de acordo com aquilo que os participantes têm para dizer. O que permitiu que a conversa decorresse de maneira mais natural e fluida. Igualmente, permitiu que as pessoas que foram entrevistadas evidenciassem novos temas, que não tínhamos previsto.

Os dados eram relatados diariamente, destacando sempre alguns diálogos ou depoimentos dos agricultores visitados. Conforme exemplos em anexo (Vide Anexo 1).

8) RESULTADOS E DISCUSSÃO

8.1) INTERFERENTES DIAGNOSTICADOS COMO OS PRINCIPAIS INTERFERENTES PARA ORGANIZAÇÃO LOCAL DE COMUNIDADES DE AGRICULTORES FAMILIARES NO MUNICÍPIO DE CAMPO ALEGRE – SC

A coleta de dados a campo possibilitou a identificação de alguns interferentes na organização das microbacias.

Os fatores pertinentes identificados foram diagnosticados a partir da observação participante, relatos do diário de campo, conversas semi - estruturadas com membros das associações das microbacias, conversas após as reuniões da microbacia Ribeirão do Meio e ainda pelas vivências realizadas em diferentes locais de estudo do curso de especialização.

Conforme o levantamento de dados os seguintes itens foram diagnosticados:

- A falta de recursos ou a má distribuição destes quando existem.
- A presença de analfabetos ou semi-analfabetos,
- Falta de estímulo e apoio governamental para o cooperativismo. (Ausência de políticas públicas).
- A dificuldade de os moradores receberem informações da existência de programas de incentivo governamental, pouca comunicação entre os moradores, pois alguns locais de informação como bares, igrejas, postos de saúde muitas vezes não são freqüentados por um número representativo de moradores da comunidade o que ocasiona exclusão de muitos.
- A dificuldade para os agricultores mais pobres de locomoção seja esta dentro ou fora da comunidade, quando necessitam ir ao meio urbano. Bem como, existência de estradas de difícil acesso, relevo acidentado em alguns locais.
- A opção dos moradores por tradição ou costume freqüentar determinada organização religiosas ou partidárias. As diferenças religiosas e diferenças políticas dentro das comunidades.
- Falta de iniciativa, ou seja, baixo estima de muitos moradores e a necessidade de pessoas como assistentes sociais e de psicólogas no

meio rural para apoiar e estimular as pessoas a se tornarem ativas no meio em que estão inseridas.

- Assistência técnica insuficiente ou pouco presente no cotidiano das famílias.
- Falta de preparo das pessoas para se organizarem, necessidade de preparar as pessoas para que se organizem.

8.2) CRITÉRIOS QUE DIFERENCIAM AS COMUNIDADES RURAIS VISITADAS CONFORME GRAU DE ORGANIZAÇÃO

Tomando com partida as anotações a campo, entrevistas semi-estruturadas, depoimentos dos agricultores, entre as duas microbacias trabalhadas, pode-se levantar alguns critérios para diferenciá-las entre comunidades com maior ou menor grau de organização. Estes critérios são descritos a seguir:

-Abrangência da área em hectares (Supomos que uma área com menor extensão facilita o convívio entre os moradores, bem como as relações humanas);

-Deslocamento da Diretoria (Presidente) (A locomoção facilita a mobilização das pessoas, desta forma pode-se motivar as famílias a participarem das atividades da associação e ainda buscar participar de treinamentos e capacitação que poderão ser repassadas à outros membros da comunidade);

- Proximidade ao centro da cidade (A Microbacia do Rio Postema faz divisa com o Paraná, sendo 50 quilômetros distantes do centro de Campo Alegre). Estando mais próximo de Tijucas do sul (25 quilômetros). Com isso os muitos moradores preferem freqüentar o comércio, médicos e bancos em Tijucas do Sul;

-Perfil das Propriedades – (Em comunidades onde existem grande números de chacreiros, estes não participam do dia-a dia da comunidade e ainda utilizam a propriedade para descanso e lazer). Em comunidades com moradores mais antigos e com atividades agrícolas, estes na maioria das vezes possuem tradição familiar na produção de alimentos e ainda conhecem

ou sabem da existência de programas municipais para desenvolvimento ou apoio as agricultores;

-Assistência técnica e Intervenções Municipais- (Agricultores mais próximos do centro da cidade possuem mais facilidade para consultar os extensionistas rurais e ainda a assessoria é facilitada quando da implantação e/ou acompanhamento de projetos);

-Perfil dos Moradores – (Trabalhadores rurais, assalariados, diaristas muitas vezes não podem participar de capacitações, com isso há dificuldades de buscar alternativas de diversificar as atividades da comunidade);

- Existência de Grupos – (Nas comunidades em que existem grupos organizados, (pastoral da saúde, pastoral da criança, grupo de artesanato, grupo de jovens, etc.), geralmente as reuniões são mais dinâmicas, ocorrendo maior interação entre os membros da diretoria e o presidente);

-Intervenções de Empresários Rurais Locais –(A existência de uma cooperativa fundada por empresários rurais poderá ajudar no desenvolvimento das comunidades. Entretanto, alguns agricultores com o passar do tempo perdem a autonomia de comercializar seus produtos e/ou ainda não recebem o reconhecimento devido ao trabalho que executam);

-Procedência da Diretoria – (Supomos que quando a liderança é conhecida, com familiares na região, torna-se mais popular e com isso a aceitação pela comunidade se consolida mais rapidamente);

-Comunicação e divulgação de eventos –(Espaços informativos existentes no meio rural são os mais diversos: bares, igrejas, postos de saúde, mercearias e escolas. Nestes ambientes circulam grande parte dos moradores. Aqueles que não freqüentam estes locais muitas vezes são excluídos de algum programa social do qual poderia se beneficiar futuramente, como por exemplo, uma reunião para acesso ao Pronaf);

Conforme a observação da realidade e anotações do diário de campo identificou-se que dentro do mesmo município, com as mesmas intervenções de entidades como a Epagri, Prefeitura, Sindicato Rural, Projeto Microbacias 2, as associações de Microbacias se organizam de formas diferentes.

O estudo permitiu identificar a Microbacia do Rio Ribeirão do Meio como a melhor organizada, sendo chamada como comunidade com maior grau de organização. (Tabela 1).

A Microbacia do Rio Postema, foi identificada como a com menor grau de organização. (Tabela 2).

Tabela 01 - Comunidade com maior grau de organização conforme dados do diário de campo - município de Campo Alegre – SC – Microbacia Ribeirão do Meio

RIBEIRÃO DO MEIO – MAIOR GRAU DE ORGANIZAÇÃO LOCAL	
Abrangência – (área em ha.)	5.399,8 ha.
Deslocamento da Diretoria	Possui automóvel para locomoção
Proximidade ao centro da cidade	35 km do centro de Campo Alegre
Perfil das propriedades	Agricultores mais tradicionais, menor número de sítios e chácaras.
Assistência Técnica e intervenções municipais	Fácil acesso pela proximidade e pelo público atendido ser mais diversificado
Perfil dos moradores	Muitos nascidos no local, agricultores familiares, plantadores de fumo, de milho e alguns trabalhadores rurais que descascam Pinus
Existência de grupos	Grupos de artesanato de lã de ovelha e de crochê e ainda grupos ligados às igrejas
Intervenções de empresários rurais locais	Comfloresta e Nasa – Pinus, não há atuação da cooperativa de mudas.
Procedência da Diretoria	Do Município bem como sua esposa e outros parentes
Comunicação e divulgação de eventos	Mais Bares e Igrejas dentro da comunidade facilitam a comunicação.

Tabela 02 - Comunidade com menor grau de organização conforme dados do diário de campo - município de Campo Alegre – SC – Microbacia Rio Postema.

RIO POSTEMA - MENOR GRAU DE ORGANIZAÇÃO LOCAL	
Abrangência – (área em ha.)	9.444,4 ha.
Deslocamento da Diretoria	Não possui automóvel para locomoção
Proximidade ao centro da cidade	50 km do centro de Campo Alegre e 25 km do município de Tijucas do Sul – PR
Perfil das propriedades	Existência de várias chácaras e sítios para descanso
Assistência Técnica e intervenções municipais	Menos ativos devido à distância ao município e também ao maior número de trabalhadores rurais
Perfil dos moradores	Alguns dos agricultores cultivam milho, outros plantam eucaliptos para fabricação de carvão vegetal e existem os que trabalham em serrarias ou no corte de Pinus
Existência de grupos	Grupos ligados à igreja como as pastorais, grupo de jovens.
Intervenções de empresários rurais locais	Nasa, Comfloresta e cooperativas de mudas nativas que paga R\$ 0,40 por muda nativa fabrica pelo agricultor.
Procedência da Diretoria	Proveniente de outro município, porém com alguma ligação de parentesco local.
Comunicação e divulgação de eventos	Menor número de bares e maior número de pessoas de religiões diferentes.

As diferenças apresentadas são algumas das diagnosticadas durante o levantamento de dados a campo. Em ambas as comunidades as lideranças chamadas de presidentes das microbacias são dispostos a trabalhar em grupos e procuram beneficiar o maior número de pessoas da comunidade em nenhum momento buscam interesses próprios e sempre procuram distribuir da melhor forma os recursos destinado através do Projeto Microbacias 2.

9) CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Microbacias objeto deste estudo foram diferenciadas conforme o grau de organização. Sendo a Microbacia do rio Postema a com menor grau de organização. Podemos considerar esta comunidade com a que possui maior dificuldade para organizar-se. A Microbacia do rio Ribeirão do Meio é a que os membros participam mais ativamente das atividades promovidas pela associação, e ainda existem diferentes grupos (máquinas, artesanato e ligados à igreja), com isso a organização existente na comunidade é maior, se comparada com a Microbacia do rio Postema.

O trabalho de campo deverá ter continuidade e ainda se possível realizar novo levantamento de dados das comunidades objeto deste estudo. Possibilitando comparar a realidade encontrada durante a elaboração desta pesquisa com a que se terá futuramente.

A pesquisa permitiu o entendimento e a compreensão das diferenças existentes entre comunidades rurais situadas dentro de um mesmo município, praticamente com as mesmas intervenções municipais e estaduais. Identificou-se ainda diferentes interferentes, sendo estes significativos para avaliar o grau de organização local de comunidades rurais de agricultores familiares.

Os entrevistados também apontaram outros fatores como interferentes da organização no espaço rural. Destacam-se : tendências políticas locais, históricos de cooperativas anteriores que não executaram um bom trabalho, diferenças pessoais, falta de experiência das pessoas com a agricultura, individualismo, conformismo e a falta de preparo das lideranças.

Nas Microbacias trabalhadas, pode-se aplicar o questionário de diagnóstico de redes de capital social de atores individuais e coletivos de uma comunidade que é abordado no Guia Conceitual e Metodológico - Enfoque do Capital Social. (ARRIAGADA, et all. 2004).

O curso de Especialização em Educação do Campo e Agricultura Familiar Camponesa tornou-se de grande importância para meu crescimento pessoal e para melhor desempenhar as funções que venho desenvolvendo de Extensionista de Microbacias.

Contribuiu ainda de maneira geral para qualificar a assistência técnica das regiões Sul e Sudeste capacitando os profissionais das Ciências Agrárias participantes.

“A um homem nada se pode ensinar, tudo o que se pode fazer é estimulá-lo a descobrir por si mesmo...” (Aristóteles).

10) BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMMANN, S. B. **Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil**. Cortez, Editora. 8ª Ed. S. P, 1992. p 32.

ARRIAGADA, I. ; MIRANDA, F. ; PÁVEZ, T. **Lineamentos de acción para el diseño de programas de superación de la pobreza desde el enfoque de capital social**. Guia conceptual e metodológico. División de Desarrollo Social. Publicación de las Naciones Unidas. Santiago de Chile, ago.2004.

BORCHARDT, I. **Que Desenvolvimento**. Informe conjuntural. Fevereiro de 2002. Disponível em: <http://www.icepa.com.br/Infconj/textos02/IEditor/leditor0108.htm> . Acesso em: 25/07/2006.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia e Extensão Rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável – Brasília. MDA/SAF/DATER-II, 2004.

FONTES, B. A. S. M – **Redes de Solidariedade e Movimentos Reivindicativos Urbanos**. Artigo apresentado no Congresso da LASA (Latin American Studies Association). Continental Plaza Hotel, Guadalajara – México, 17-19 Abr., 1997.

GORGEN, F. S. A – **Os Novos Desafios da Agricultura Camponesa**. MST. Rio Grande do Sul. Nov., 2004.

HISTORIA DE CAMPO ALEGRE. Disponível em: http://www.portalsbs.com.br/historia/livros/textos/campo_alegre_1883_1937.html. Acesso em 29/08/2006.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat> . Acesso em: 27/09/2006.

LAC, **Levantamento Agropecuário de Santa Catarina**. Disponível em: [http://cepa.epagri.sc.gov.br/Dados do LAC/lac indice.htm](http://cepa.epagri.sc.gov.br/Dados_do_LAC/lac_indice.htm) . Acesso em: 09/09/2006, 16/09/2006, 14/09/2006.

NUNES, S. P. **Agricultura e Campesinato no Desenvolvimento do Capitalismo**. Artigo para a avaliação de Mestrado em Sociologia. Disciplina de Agricultura e Desenvolvimento Rural. UFPR, 2005.

PDMH – **Plano de Desenvolvimento da Microbacia Hidrográfica do Rio Ribeirão do Meio**. Associação de Desenvolvimento da Microbacia Ribeirão do Meio. Elaboração: Epagri, ADM e GAM Luz do Campo. Campo Alegre. SC. 2005.

PDMH, **Plano de Desenvolvimento da Microbacia Hidrográfica do Rio Postema**. Associação de Desenvolvimento da Microbacia Rio Postema. Elaboração: Epagri, ADM e GAM Nascente do Rio Negro. Campo Alegre. SC. 2005.

PRADO, D. G. F. **Guia Metodológico, Diagnóstico de Sistemas Agrários**. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO, MEPF/INCRA. Brasília – DF, 1999

PRAPEM, Programa de Recuperação Ambiental e de Apoio ao pequeno Produtor Rural. **Concepção Geral do Projeto Microbacias**. Florianópolis, jan.2002. (Material disponibilizado pela Epagri de Chapecó SC, ago.2006).

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO ALEGRE. Disponível em: <http://www.campoalegre.sc.gov.br> . Acesso em: 21/08/2006.

ZAMBERLAM, J.; FRONCHETI, A. **Agricultura Ecológica** –preservação do pequeno agricultor e do meio ambiente. Vozes. Petrópolis – RJ, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 - FRAGMENTOS DO DIÁRIO DE CAMPO

A execução do diário de campo foi um dos instrumentos chave para a elaboração da pesquisa. As idas a campo foram relatadas de forma sucinta e as anotações utilizadas para o levantamento dos principais interferentes da organização nas comunidades rurais, bem como para conhecimento das pessoas e costumes das comunidades. Conforme exemplos abaixo:

Exemplos de anotações do diário de campo

"Dia 16 de novembro de 2006, em conversa com o Sr. José e com a Sr^a. Maria, após verificar a construção do banheiro do vizinho, perguntei: - Porque era difícil do pessoal se organizar, de tentar buscar alguma fonte de renda?"

O Sr. José relatou: A turma parou no tempo! Pela ignorância, acha que como tá não precisa muito mais...já ta bom!

A Sr^a. Maria comentou que costumam muito comparar como era antigamente e que realmente hoje já melhorou muito porque antes a Prefeitura não dava importância, existiam poucas estradas no local... "Acho que o governo não sabia da nossa existência." Contou ainda que antigamente não tinha estradas boas para passar caminhões.

"Existem muitos funcionários da Comfloresta. O pessoal não se anima para mexer com lavoura, prefere trabalhar por dia ou por mês!"
"Relatou Sr^a. Maria (Microbacia Rio Postema).

"Dia 21 de junho de 2006, realizou - se a reunião com o grupo de tecelagem na Microbacia do Rio Ribeirão do Meio, onde participaram 8 pessoas: Eu, a Araci (extensionista da Epagri), Leidenir, Clarete, Zeni, Roseli, Dora e Odete."

O grupo da tecelagem é composto por 14 mulheres da Microbacia Ribeirão do Meio.

A reunião iniciou às 14 horas e 30 minutos, as outras integrantes do grupo não justificaram a presença.

Primeiramente foi exposto pela Araci, que o valor do projeto para a aquisição dos equipamentos que serão utilizados pelo grupo será de R\$ 3840,00. Será necessária a contrapartida de R\$ 1222,00 para complementar o recurso disponibilizado pelo Projeto Microbacias que é de R\$ 2618,00. Sendo desta forma as agricultoras se responsabilizarão de pagar R\$ 80,00 e todas estão de acordo. Existe ainda a preocupação por parte do grupo se novas mulheres se interessarem qual será o destino dos R\$ 80,00 das novas integrantes? Foi sugerido por uma integrante que se faça um caixa para aquisição de mais matéria – prima ou novos equipamentos, caso o grupo comece a trabalhar e cresça rapidamente.

A iniciativa de surgir um grupo de artesanato de lã de ovelha partiu da comunidade no momento em que se dividiu o recurso anual concedido pelo Projeto Microbacias, já que algumas mulheres da comunidade haviam participado de treinamentos de tecelagem oferecidos pela Epagri e que na região a ovinocultura é tradição, pois anualmente acontece a festa da ovelha. Outras agricultoras foram sensibilizadas pelas vizinhas e ainda não fizeram o curso, mas despertaram interessadas, pois com o funcionamento do grupo e a venda das peças estarão melhorando a renda familiar, além disso, poderão comprar presentes para os filhos e ainda produtos para uso próprio, como bijuterias.

A reunião aconteceu como uma conversa onde as que estavam presentes firmaram o acordo e assinaram a proposta do microbacias em dividir a contrapartida de R\$ 80,00 que será pago por cada participante do grupo. Foi definida uma representante que possuía conta no BESC para efetuar o saque e efetuar o pagamento dos equipamentos ao representante".

"Dia 03 de julho de 2006, fui à Microbacia Ribeirão do Meio, existe na área uma espécie de Vilha (assim chamada pelos moradores), as casas são construídas muito próximas uma das outras, existem 8 famílias que vivem neste local."

O terreno foi doado para as famílias há vários anos. Existem três famílias que são beneficiárias de banheiros concedidos pelo Microbacias, responsabilizando-se em contratar o pedreiro já que os materiais são por conta do Microbacias.

Há muitos problemas visíveis, como por exemplo: lixo ao redor das casas, poço com água de qualidade questionável, casas sem água, desempregados. E outros comentados pelas lideranças participantes da Associação da Microbacia como o caso de alcoolismo, rivalidades com vizinhos e pessoas acomodadas que não concordam com o projeto microbacias pensando que o correto seria o fornecimento dos materiais para construção dos banheiros e também a mão de obra. (Conversa com Sr. Hildonir – Presidente da Microbacia)."

"Visita à Microbacia Rio Postema, dia 11 de julho de 2006. Eu e o extensionista Remy, da Epagri, fomos às comunidades para verificar as construções dos banheiros e após passamos na casa de uma agricultora a Vera. Ela já participou do curso de Agroecologia da Epagri realizado no início deste ano.

Antes ela plantava fumo e está abandonando a atividade. A iniciativa veio dela, pois relatou que o fumo não tem compensado. Já chegou a entrar em empréstimo do banco para quitar a dívida de insumos exigidos pela fumageira.

Com isso, ela e a irmã estão começando a cultivar hortaliças, (alface, rabanete, beterraba, couve) e pretendem ainda este ano com a ajuda da Epagri conseguir batata-semente para cultivar organicamente em uma área de 3 litros de chão (aproximadamente 1800 metros quadrado).

Interessante também que ela relatou que seu pai plantava tomate antigamente quando ela era criança e que pensa ser por isso que se interessou pelas verduras. Contou ainda que a mãe deseja em breve derrubar o paiol de fumo e que também o seu esposo se opôs em relação à atitude dela de lidar com verduras, mas ela irá insistir, pois está animada e já vendeu algumas alfaces para um pessoal da CIDASC que estava na região."

ANEXO 2: FOTOS DAS MICROBACIAS

Foto 1: Reunião do Grupo de Artesanato de Lã – Microbacia - Ribeirão do Meio, setembro, 2006.



Foto 2 - Reunião de Crédito Rural – Microbacia Rio Postema. Agosto, 2006.